

REINALDO DA SILVA SOARES

---

Ascensão  
social e  
identidade  
negra em

---

**REINALDO DA SILVA SOARES** é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.

*Novas Elites de Cor: Estudo sobre os Profissionais Liberais Negros de Salvador*, de Ângela Figueiredo, São Paulo, Annablume, 2002.

Salvador



m virtude da Segunda Guerra Mundial, nos anos 1950 e 1960, a questão racial tornou-se um tema capital para repensar os rumos da humanidade.

A partir da crítica da noção de raça, procurava-se rever toda a problemática social, política e científica que envolvia a diversidade humana. Nessa perspectiva, algumas sociedades multirraciais faziam vislumbrar alternativas de convivência entre raças distintas. O Brasil passa a ser visto, em termos de relações raciais, como um caso modelar.

É nesse contexto que a Unesco patrocina (em 1950 e 1951) uma série de pesquisas no Brasil, com o escopo de revelar a especificidade do nosso convívio racial. As pesquisas coordenadas pelo etnólogo Alfred Métraux foram realizadas, em São Paulo, por Roger Bastide, Florestan Fernandes, Virginia Leone Bicudo, Aníela M. Ginsberg e Oracy Nogueira. No Norte, Nordeste e Região Central, os trabalhos foram produzidos por Charles Wagley, René Ribeiro, Thales de Azevedo, H. W. Hutchinson, M. Harris, Bem Zimmermam e L. A. da Costa Pinto (\*).

Em 1955, foi publicado *As Elites de Cor*, de Thales de Azevedo, apresentando os resultados da pesquisa realizada na Bahia, cujo objetivo central era analisar a dinâmica da ascensão social dos negros.

Azevedo constatou que, na Bahia, havia um alto grau de mestiçagem e que o preconceito racial se manifestava de forma muito amena. No sistema hierárquico, o *status* era mais relevante do que a cor.

O autor concluiu que a Bahia representava uma sociedade multirracial de classes, sem a ocorrência de castas. Todos tinham a possibilidade de ascender socialmente, em função de seus próprios méritos. Portanto, os obstáculos que os negros encontravam eram resultado de um preconceito de classe, em razão de os mesmos serem provenientes das classes baixas. A ascensão dos negros passava necessariamente pelo seu embranquecimento social, ou seja, pela incorporação de comportamentos e valores aceitos pelos brancos.

Quase cinqüenta anos depois é lançado

o livro de Ângela Figueiredo, intitulado *Novas Elites de Cor*, resultado da dissertação de mestrado defendida na UFBA, em 1998, cujo objetivo era analisar a relação entre mobilidade social e identidade étnica em Salvador. O trabalho é uma tentativa de relativizar as teorias sobre o negro em ascensão que enfatizam a importância do branqueamento como estratégia de mobilidade social, ou mesmo como uma imposição da sociedade global.

A autora optou por trabalhar com negros que conseguiram ascender através da escolaridade. Os entrevistados eram profissionais negros de nível universitário (engenheiro, enfermeiro, médico, administrador, advogado...), com renda superior a 12 salários mínimos.

Figueiredo faz uma analogia entre a ascensão social dos negros e outros grupos étnicos, tais como os armênios, sírios, libaneses (em São Paulo), além dos galegos (na Bahia). A ascensão desses grupos foi facilitada pela ajuda mútua e pela identidade étnica associada ao exercício de determinadas atividades profissionais que resultaram em nichos de mercado. Os armênios concentraram-se no setor de calçados, assim como os galegos direcionaram-se para atividades comerciais no setor alimentício (padaria, pastelaria, armazéns), enquanto os sírios e libaneses convergiram para o ramo de comércio ambulante.

À medida que os integrantes desses grupos vão ingressando na universidade e aumentando seu leque de relações sociais, ocorre um rompimento com os modos tradicionais de socialização. Uma das formas de rompimento era a transgressão das normas de endogamia: os jovens começaram a procurar parceiros fora do seu grupo.

Outra referência utilizada por Figueiredo é a classe média negra norte-americana, cujo advento é marcado pela recusa dos comerciantes brancos em atender os consumidores negros. Para suprir a demanda da comunidade negra, desponta um grupo de profissionais negros: professores, dentistas, advogados, enfermeiras, pastores e pequenos proprietários.

A classe média negra norte-americana

\* João Baptista Borges Pereira, *Estudos Antropológicos e Sociológicos sobre o Negro no Brasil: Aspectos Históricos e Tendências Atuais*, São Paulo, 1981, mimeo.

consolidou-se, principalmente, em função dos *black business*, pequenos negócios, liderados por negros (barbearias, sapatarias e lojas de produtos de beleza, dentre outros).

Enquanto para os outros grupos étnicos, no Brasil, e para os negros norte-americanos a identidade étnica foi um importante instrumento no projeto de ascensão social, ao negro brasileiro, assimilar os valores da sociedade branca foi imprescindível para conseguir uma melhoria na sua posição socioeconômica. Justamente por viver em uma sociedade menos segregada, o negro brasileiro teve que competir com os profissionais brancos, assumindo o ônus da estrutura racista que limitava suas possibilidades, sendo assim, teve que utilizar “estratégias de maior integração com a sociedade”.

Apesar do nível de renda do grupo pesquisado, os informantes não se classificaram como classe média, preferindo identificar-se como “classe trabalhadora” ou “pobre”, em decorrência de os mesmos acreditarem que sua “posição de classe” seria muito inconstante ou pouco vigorosa.

A origem humilde dos entrevistados é revelada através dos relatos de história de vida. O pai, com um papel mais empreendedor, trabalhando muito para prover o sustento, enquanto a mãe era responsável pela educação informal, além de incentivar os filhos nos estudos (estratégia, aliás, utilizada pela maioria das famílias de baixa renda para conseguir “melhorar de vida”). A família é um fator fundamental não só na luta contra a pobreza, mas também na construção da solidariedade étnica e de classe.

O preconceito racial operou como um dos principais óbices ao projeto de ascensão social, como consequência, além de denunciar a discriminação, os entrevistados reivindicavam maiores oportunidades aos negros.

A maior parte dos informantes se auto-classificou como negra, muitos vivenciam alguns aspectos daquilo que é conhecido, popularmente, como cultura negra, ou seja, a música e a dança. O mesmo não ocorre com as atividades religiosas, compreendidas como um dos símbolos da cultura ne-

gra, como o candomblé, pois a frequência a tais cerimônias é assistemática.

A trajetória de vida e o discurso dos entrevistados demonstram que, mais do que um projeto de embranquecimento, é na trajetória de ascensão social que eles redescobrem e assimilam alguns ícones da cultura negra, incorporando-os ao seu estilo de vida. Segundo Figueiredo, é preciso utilizar o conceito de negritude para interpretar a mobilidade social do negro, já que há um discurso afirmativo que ressalta o “orgulho da raça” que pode ser um enunciado individual sem que, necessariamente, a pessoa tenha que ser integrante de alguma associação negra.

Nos trabalhos acadêmicos, a ascensão social dos negros é abordada dando ênfase ao branqueamento, entendido como processo de incorporação de alguns aspectos da cultura branca.

Mas, afinal, qual seria a diferença entre cultura negra e cultura branca?

Segundo Figueiredo, a cultura negra é percebida, pelo senso comum, como um conjunto de caracteres específicos: culinária, religião, música e dança. A cultura branca é relacionada aos aspectos mais genéricos, como a educação formal, política, informação. Como esses aspectos abrangem quase a totalidade da vida social, a autora afirma que todos os indivíduos nascem embranquecidos, e que o enegrecimento seria uma opção daqueles que, ao longo dos anos, decidiram incluir em seu estilo de vida alguns aspectos da cultura negra.

Finalizando, Figueiredo conclui que o embranquecimento social não é a única alternativa no processo de ascensão social do negro:

“[...] Argumento que, ao contrário da contradição pretensamente inerente entre a ascensão social a partir da escolarização e a assunção da identidade negra, pode estar ocorrendo um processo inverso, pois a escolarização e o conhecimento sobre a história da escravidão no Brasil, bem como a situação socioeconômica atual, possibilitam maior reflexão e conseqüentemente uma valorização étnico-racial [...]” (p. 105).